

Pimentel, Alberto  
Viagem à roda das viagens

PQ

9261

A575

V526

Digitized by the Internet Archive  
in 2009 with funding from  
Ontario Council of University Libraries

CULTO GARRETTEANO

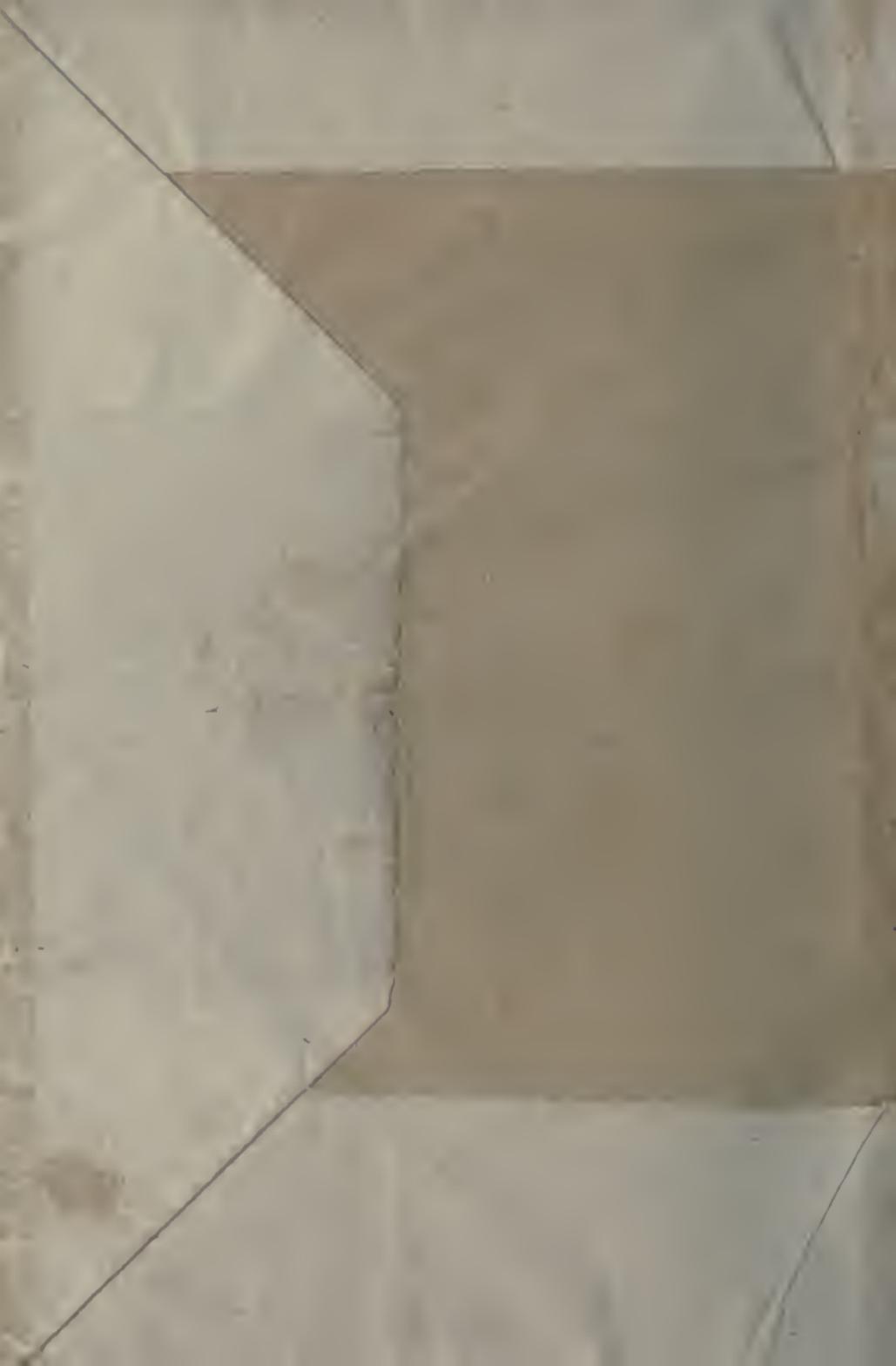
N.º 3

Alberto Pimentel

Viagem á roda  
das viagens



LIVRARIA EDITORA  
GUIMARÃES, LURANI & C.ª  
108, Rua de S. Roque, 110  
LISBOA



CULTO GARRETTEANO

N.º 3

Alberto Pimentel

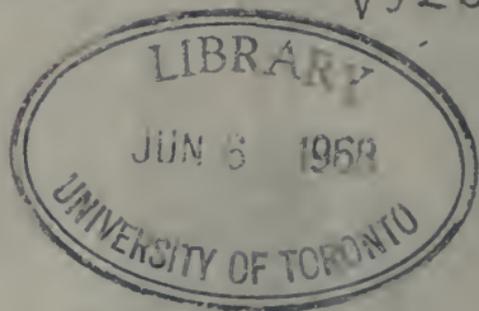
---

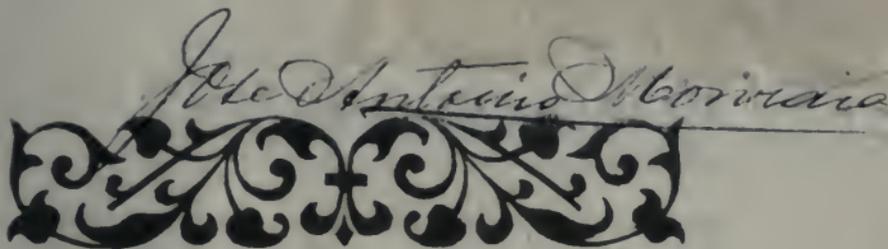
Viagem á roda  
das viagens



LIVRARIA EDITORA  
GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª  
108, Rua de S. Roque, 110  
LISBOA

PQ  
9261  
A575  
V526





## Viagem á roda das viagens

---

A commemoração do centenario de Garrett, em fevereiro de 1899, interessou os escriptores, que sempre costumam fazer justiça... aos mortos; interessou os artistas, as mulheres instruidas, e... poucos mais.

A maioria do povo deixou de festejar-a, sem saber porquê.

Ah! se todos conhecessem um só dos livros de Garrett, e se esse livro fôsse as *Viagens na minha terra*, ficariam tendo gravado no espirito o retrato intellectual, exacto nas feições, perfeito na semelhança, d'esse grande escriptor, porque elle está nas *Viagens*, todo inteiro, como dizem os francezes: pulsa ali a sua alma, floreja a sua graça, ri a sua ironia, relampaguea a sua erudição, requebra-se a sua elegancia, ellas são elle, elle é as *Viagens*.

Por isso, para falar de Garrett, a proposito do centenario, viajaremos á roda das suas *Viagens*, e iremos encontral-as na sua mesma origem, preenchendo algumas

clareiras que Francisco Gomes de Amorim deixou abertas nas *Memorias*, porque não se esgota nunca um assumpto, quando o assumpto é grande como foi Garrett.

O que nos diz Amorim a respeito da génese das *Viagens*? Muito, e pouco. Muito, como fio conductor, que tirou das proprias declarações de Garrett; pouco, se attendermos a que não deixou explanado e desenvolvido, como podia, o pensamento inspirador d'esse livro tão caracteristico e tão complexo.

Dizem as *Memorias* :

«A ida de Garrett a Santarem, segundo elle conta nas *Viagens*, fôra taxada pelos jornalistas do governo de viagem politica. Para esse passeio, puramente recreativo, recebera convite de Passos Manuel, que tinha casa em Alpiarça, e o acompanhava com o conde da Taipa e outros amigos, partidarios todos da revolução de setembro, e, por consequencia, opposição ao ministerio. D'ahi as bisbilhotices da imprensa, as accusações de conspiradores, e por fim a quasi coacção dos deputados opposicionistas.»

Isto mesmo é o que está nas *Viagens*, procurando bem, como Amorim procurou.

Mas eu quizera que o biographo demorasse mais a mão, accentuando o instincto, o sentimento artistico, ao qual se deve a origem d'esse livro.

«Era uma idéa vaga; mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as mais ricas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas.»

Está a gente a vêr um d'esses planos indefinidos, d'esses projectos nublosos que povoam e aquecem o espirito

de todos os artistas, e ninguem, nenhum homem de letras, o foi maior do que Almeida Garrett.

Mas quantas vezes não se perdem sem realisação esses planos e projectos? Não é coisa facil, sobretudo quando se milita na politica, e na politica d'aquelle tempo principalmente, fechar a vida de todos os dias e fechar a mala de viagem para sahir de casa, por devoção, deixando de parte as obrigações, os compromissos, os mil nadas absorventes, que se levantam debaixo dos pés a cada hora.

Manuel Passos, amigo pessoal e politico de Garrett, tinha muita alma de artista, tambem, como a sua legislação ainda hoje o testemunha. A rainha chamava-lhe «o rei Passos», os cabralistas chamavam-lhe «o homem de Bouças», mas nós hoje poderemos chamar-lhe, com segurança, um poeta que passou pela mais prosaica época da politica portugueza.

Elle comprehendia «a idéa vaga» de Garrett, conhecia o seu projecto sempre adiado, e convidou o futuro auctor das *Viagens* a visitar o Ribatejo, como diz Amorim. Empurrou-o, porque os homens de vida trabalhosa e preocupada precisam ser empurrados para sahir da sua orbita normal.

Ora eu conheço os proprios termos do convite, do empurrão, que Passos Manuel deu a Garrett para o deliberar. Devo esse obsequio ao sr. dr. Carlos Guimarães, genro do grande escriptor, o qual me pôz deante dos olhos esta interessante carta :

«Alcaçova, 6 de julho de 1843.

«*Meu Garrett:*

Não pude vêr-te antes de partir. Mas não te dispenso da visita que me prometteste fazer com o Julio a esta deliciosa solidão. Anda lêr esta grande chronica de Pedra de Santarem. O padre Vasconcellos servirá de *cicerone*, e aonde elle não chegar supprirá outro (?). Como eu vos espero, não vou a Alpiarça sem vós chegardes. Quando vieres hiremos juntos vêr aquelles campos, de que has de gostar. E jantaremos na adega do Tôco, servindo-nos de Ganimedes o meu Feitor Garcia, cavalleiro da Conceição por D. Miguel, e de Santa Izabel por Carlos Pertendente. O Julio que tenha esta como sua. José Estevão disse-me que talvez dirigisse a sua viagem de modo que te pudesse acompanhar. Cá vos espero. Mas escreve.

Teu do C.

*Passos M.*»

P. S. — Manda dizer quando vens, para eu estar em Santarem, e não hir a Alpiarça.»

Foi esta carta que deu resolução a Garrett: um artista chamava por outro.

O «Julio» era Julio Gomes da Silva Sanches; (1) José Estevão era o grande orador parlamentar José Estevão Coelho de Magalhães; o padre Vasconcellos fôra Ignacio da Piedade e Vasconcellos, que em 1740 publicára a *His-*

---

(1) Ministro por varias vezes. Fallecido em 1866.

*toria de Santarem edificada*, o melhor livro que de Santarem se conhecia no tempo de Garrett.

A elle se refere o escriptor no 2.º volume das *Viagens*, cap. XXIX, quando diz :

«Vae-te ao padre Vasconcellos ; e quanto ha de Santarem, peta e verdade, ahi o acharás em amplo folio e gorda lettra : eu não sei compôr d'esses livros, e quando soubesse, tenho mais que fazer.»

Hoje ha outra monographia do sr. Zephyrino Brandão, que acompanha as ultimas transformações de Santarem.

O «Tôco» era uma quinta de Passos Manuel, a dois kilometros de Alpiarça para o lado do Tejo, proximo á valla do Alpiaçoilo.

Manuel Passos vivia ora alli, ora em Santarem, na Alcaçova, d'onde datara a sua carta.

Garrett conta que «no inclyto alcaçar d'el-rei D. Afonso Henriques» os esperava um bom jantar. E mais adiante : «O nosso festino, a casa do nosso amigo, é ao pé da famosa e historica egreja de Santa Maria da Alcaçova.»

O hospedeiro, «habitante do regio alcaçar», tambem vem indicado : é o sr. M. P. (Manuel Passos).

O feitor Garcia tinha sido capitão do exercito de D. Miguel. Administrava a quinta do Tôco. Dentro da adega fez uma barraca, aproveitando para cama uma tulha. A barraca dividiu-a em quarto e escriptorio. Não deixava nunca de ter fiambre, que invariavelmente offercia ás suas visitas.

Por o haverem intrigado com Manuel Passos, foi despedido.

Desde então valeu-se de amigos para poder ir vivendo. Morreu ha 20 annos, aproximadamente.

Bem urdida devia ter sido a intriga, visto acreditar-a Manuel Passos, que era aliás muito dedicado a criados velhos: um d'elles esteve na quinta da Torre, proximo de Alpiarça. Chama-se José Bento, foi «escudeiro», e tem hoje 70 annos. Passos Manuel recommendou á familia que nunca despedisse este serviçal, e que se não envergonhasse de sental-o á mesa. Suspeitam alguns que seria do seu sangue.

N'um tempo em que quem não era pelos Cabraes, era contra elles, a viagem de um grupo de setembristas rio acima, sobrescriptados para casa de Manuel Passos, em Santarem, originou suspeitas, apprehensões, sobresaltos entre os amigos do governo. Era uma conspiração, não era uma viagem, pensavam elles.

Mas tudo faz hoje suppôr que na viagem a Santarem e em casa de Manuel Passos não se falaria mais politica do que a bastante para crivar de graciosas ironias o governo — como aquellas que desde os primeiros capitulos apparecem nas *Viagens*, lembrando espinhos a abro-lhar por entre flôres...

Garrett, alma superior de artista, impressionou-se com tudo quanto vira, especialmente com o valle de Santarem, e trouxe de lá o vago projecto de escrever as suas impressões, aproveitando o valle para localisar alli um romance, n'esse sitio delicioso, com que elle quiz identificar-se pessoalmente, pondo alguma coisa da sua propria vida no Carlos das *Viagens* e na «menina dos olhos verdes».

Castilho, que redigia então a *Revista Universal Lisbo-*

nense, ou soube ou suspeitou, como artista que tambem era, das impressões de Garrett, e pediu-lhe que as escrevesse para o seu periodico.

Equivocou-se o conde de S. Marçal quando disse, n'uma carta que anda impressa, que a *Revista* era já a esse tempo dirigida por Silva Leal, e que, para tornal-a mais interessante, fôra preciso contratar a publicação das *Viagens* com Garrett.

As *Memorias* de Amorim affastam este equivoco. Mas se alguma duvida pudesse restar, bastaria a consideração de que o primeiro, capitulo das *Viagens* appareceu no tomo II (1.<sup>a</sup> série) da *Revista* e que no frontispicio do tomo seguinte ainda apparece o nome de Castilho como redactor.

Conta Bulhão Pato, no livro *Sob os ciprestes*, que Almeida Garrett, sempre meticoloso em limar as suas obras, refundira muitas vezes o original das *Viagens*: exigia quatro ou cinco provas ao chefe da typographia da *Revista Universal*, e sempre tinha que emendar.

Tambem a poesia de Soares de Passos, *O Noivado do Sepulchro*, que nos parece fluentemente escripta n'um momento de inspiração, foi muitas vezes reconstruida sobre as provas typographicas; recebi esta informação da bocca do proprio editor, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho.

Garrett ia escrevendo e publicando, mas houve largas interrupções, que justificam a inteira liberdade com que collaborava alli. Se tivesse havido contrato, e se se tratasse de salvar o periodico, seria decerto mais assidua a collaboração.

Mas a suspeição politica não deixava de pesar sobre

as *Viagens*, a tal ponto, que, no tomo III da *Revista*, a redacção, provavelmente o proprio Garrett, antes de começar o capitulo V, refere-se a essa injusta suspeição, dizendo ao publico :

«O auctor, é um dos sectarios sabidos e confessados da opposição. No seu escripto dá testemunho d'isso mesmo; mas o seu escripto ainda assim, não deve ser havido como politico. Em obras litterarias e poeticas do genero d'esta, ao revez das obras scientificas, technicas, ou de qualquer outro modo didacticas, o stylo é o fundo principal e ás vezes o todo; a doutrina occupa o segundo lugar, e, ás vezes, nenhum; é como em certas musicas : agradam, e não se lhes pergunta pela trova.

«Se a *Viagem na minha terra* val como romance, bem está, e bem estamos; o restante que lembre em furta-côres as da esquerda, as da direita ou as do centro — pouco mal e pouco bem virá por ahí á republica: que nem já hoje se transformam opiniões com palavras, nem com duas ou tres phrases desgarradas no meio de uma relação leve e facéta se hão de ellas nunca transformar. Os que tomarem a politica pelo caroço d'este fructo litterario, comam-n'ò, deitando fóra o caroço; — os que a julgarem a casca, comam-n'ò sem a casca — os que a tomarem pela pôlpa não n'ò comam, e temos correntes as nossas contas.»

Assim, pois, Garrett (porque o estylo d'esta declaração é bem seu) teimou em confessar que a politica não teve nada que vêr com a viagem ao Ribatejo, mas a politica teimava, por sua parte, em suspeitar que fóra aquella uma viagem de conspiradores, e em affirmar que as *Via-*

gens, aqui e alli, deixavam entrever a feição partidaria que as motivara.

A politica não é susceptivel de comprehender coisas delicadas, nem que um politico, comquanto apaixonado, seja capaz de tirar de uma viagem com ardidões correligionarios mais do que um romance apenas, dando-se a este vocabulo o sentido em que hoje empregamos a palavra — folhetim.

Ha muito que esmiuçar nas *Viagens*, e eu resolvo-me a tentar fazel-o, para estimular futuros investigadores.

C. da T., que figura no 1.º capitulo das *Viagens*, é o conde da Taipá, D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande, par do reino desde 1826.

Falleceu a 27 de março de 1866.

L. S. é Luiz Teixeira de Sampaio, a cujo respeito teremos de falar mais detidamente.

C. J. X., «que morreu a assignar uma portaria», era Candido José Xavier, que foi ministro de D. Pedro IV, e tinha a alcunha de *Pernas de égua*.

Falleceu repentinamente a 15 de outubro de 1833.

J. P., «o alfageme do Cartaxo», inspira a Garrett nada menos de duas paginas das *Viagens*, verdade é que como pretexto para falar do outro alfageme, o authenticico, da lenda e da peça — o de Santarem.

Mas vamos a saber quem era o alfageme cartaxeiro. O que as *Viagens* explicam é só isto: «Eu lhe digo aos senhores: o homem nem era assim nem era assado. Falava bem, tinha sua labia com o povo. D'ahi, fez-se juiz, pôs por ahi suas coisas a direito — Deus sabe as que elle intortou tambem!... ganhou nome no povo, e agora faz d'elle o que quer. Se lhe der sempre para bem, bom será.»

Não foi, porém, mestre J. P. que se condecorou a si mesmo com a gloriosa alcunha de «alfageme»; puzeram-lh'a «uns senhores de Lisboa que ahi estiveram em casa do sr. D.»

Ora J. P. era Joaquim Pedro, mestre ferreiro no Cartaxo. Muito cabralista e falador, dos poucos que lá sabiam lêr então, arengava ao povo, fazia adeptos. Activo e ladino, chegara a ser juiz eleito, tendo artes para explorar a «corda sensível» dos seus conterraneos. Queria a todo o custo a autonomia politica do Cartaxo. Nada de subordinação a Santarem, nem deputado que não fôsse natural do concelho. Isto agradava ao povo, que bebia os ares por elle.

Nas sentenças que dava como juiz eleito, diz-se que influíam algum tanto as mulheres, e muito a politica.

N'uma causa que julgou, a parte condemnada obteve provimento no recurso, já depois de ser fallecida. Quando o processo baixou da Relação, o bom do «alfageme» lançou-lhe este despacho: «Cumpra-se o venerando Accórdão, subsistindo, porém, o meu despacho de folhas...»

Joaquim Pedro ainda em 1863 politicava no Cartaxo, sempre aferrado ás suas ideias de autonomia politica do concelho. N'esse anno entrou na lucta eleitoral alli ferida entra o cirurgião Mello, de Santarem, e o rico proprietario cartaxeiro de appellido Batalhoz.

O «alfageme» advogava a causa d'este ultimo contra o cirurgião Mello, que, por ser de Santarem, denominava «extrangeiro.»

O sr. D., de quem Garrett diz — o nosso bom amigo, o velho D., a honra e a alegria do Ribatejo — era Damazo Xavier dos Santos, grande proprietario e lavrador, que

vivia com o apparatus proprio dos seus pares n'aquelle tempo.

Foi elle que em 1834 hospedou Saldanha no Cartaxo e lhe serviu de *cicerone* na marcha sobre Almoester, e durante a batalha.

D. Antonio da Costa, referindo-se a este facto, diz a pag. 413 da *Historia do marechal*:

«No dia seguinte, o pacifico Damazo, entrajado em vestes de paz, acompanhava o marechal Saldanha, entre o seu estado maior, inoffensivo lavrador na vespera, guerreiro improvisado no dia tremendo, dava ao marechal no ardor da batalha os esclarecimentos que lhe pedia, conservava-se ao pé de Saldanha nos pontos mais arriscados, semblante sereno, podendo ser morto por todos, não tendo vontade de matar ninguem, com jus a afirmar que assistiu á batalha de Almoester, e merecendo estas palavras especiaes na propria communicacão escripta sobre o campo: «O commendador Damazo acompanhou-me em todo este dia, conduzindo-se com muito valor, e a sua companhia me foi de bastante auxilio pelo conhecimento que tem do terreno».

D. Pedro IV condecorou-o com a Torre e Espada, fazendo boa a recommendação do marechal.

Damazo possuia vastas propriedades no Cartaxo, Santarem e Azambuja.

A sua casa de residencia ainda hoje existe no Cartaxo, rua Batalhoz, antiga rua da Carreira.

É um palacete, com andar nobre, pateo amplo, adega vasta, um jardim, de que ainda restam as grades dean-

teiras, e uma extensa vinha — que passou ao dominio da familia Batalhoz e hoje está retalhada em aforamentos — com habitações e quintaes annexos.

Damazo Xavier, liberal ardente, tambem hospedou o imperador nas suas frequentes andadas *p'ra cima e p'ra baixo*, de que os miguelistas motejavam, dizendo:

Vai p'ra cima  
E vem p'ra baixo  
E não passa  
Do Cartaxo.

Elle vai  
E elle vem  
E não chega  
A Santarem.

A implantação da liberdade custou muito bom dinheiro a Damazo Xavier, que se arruinou com estas e outras larguezas.

Sua filha, D. Maria do Carmo Xavier, recebia uma mezada da imperatriz e teve de viver em casa alugada, por que a de seu pai já não era sua.

Damazo, «honra e alegria do Ribatejo», possuiu grandes manadas de touros. Fazia n'isso especial gosto e ostentação. Conta-se que educara um touro para boi de guia, ensinando-o a subir a escada do palacete e a ir ter á casa de jantar.

M. do F., que Almeida Garrett menciona no fim do V capitulo, era o marquez do Funchal, D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, que seguiu a carreira diplo-

matica, foi ministro em Londres onde falleceu, (1) e era irmão do 1.º conde de Linhares.

Diz d'elle Garrett: «Era feio como o peccado, elegante como um bugio, e as mulheres adoravam-n'õ».

Isto se conforma com o que José Liberato escreve nas suas *Memorias*, a respeito do marquez do Funchal: «Era aquelle nosso embaixador, bem que de figura externa pouco gentil (*refere-se á physionomia*), homem muito instruido, de maneiras agradaveis, e até engraçadas.»

A sr.ª B. d'A., de quem Garrett fala no 2.º volume, era a sr.ª baroneza de Almeirim, que residia no palacete denominado do Chafariz de D. Ritta, na rua da Amargura, e foi mãe do sr. Anselmo Braamcamp Freire. actual par do reino (2).

Esta indicação é tanto mais interessante, quanto é certo que aquellas duas iniciaes poderiam dar lugar a confusões no futuro, pois que tambem n'esse tempo existiam em Santarem a sr.ª baroneza de Alvaiázere e a sr.ª baroneza d'Argaçó, que era avó dos Canavarros, mais tarde ligados á familia Passos pelo casamento de Pedro Canavarro com a filha de Passos Manuel, ainda viva (a sr.ª D. Antonia).

O barão de A, juiz da irmandade do Santo Milagre, (cap. xxxviii), era o barão de Almeirim, marido d'aquella illustre dama.

B. de P, de que tambem Garrett fala, era o barão

---

(1) Innocencio, no *Dicc. Bibl.*, suppõe-n'õ fallecido em dezembro de 1832, mas é equivoco, porque, no *Sangue azul*, publiquei eu uma carta que D. Leonor da Camara lhe dirigiu em outubro de 1833.

(2) Auctor das interessantes obras: *Brasões da sala de Cintra*; *O Conde de Villa Franca e a Inquisição*

de Pombalinho, que habitou um palacete sobranceiro ao valle das Olarias ou das Figueiras. A casa é hoje da sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Quelhas.

Garrett classifica-o como typo, já então raro, da antiga nobreza das nossas provincias.

Quanto á familia de Passos Manuel, diz Garrett: «Apresentou-nos o nosso amigo a sua mulher, senhora de porte gentil e grave, etc.» Esta senhora, que era de Santarem, finou-se na casa que a filha habita junto ás muralhas romanas das Portas do Sol — a casa que Passos Manuel edificou aproveitando as dependencias do Paço, que ficava junto á velha igreja d'Alcaçova (hoje reedificada). Das janellas avista-se todo o panorama do valle do Tejo, e fica proxima a unica restante das antigas portas da cidade — a da Alcaçova.

A' belleza do panorama se refere Garrett.

No ultimo capitulo torna a falar do sr. L. S., do Cartaxo, «cuja hospedeira casa» estava situada fóra da villa.

Era Luiz Teixeira de Sampaio, que foi 1.<sup>o</sup> visconde do Cartaxo, e irmão do conde da Povoá.

A «hospedeira casa» era a «quinta do Sampaio», que hoje pertence á sr.<sup>a</sup> viscondessa do Cartaxo, filha de Luiz Teixeira de Sampaio.

Os Sampaioes residiam em Lisboa no largo do Carmo, d'onde lhes veiu o cognomento de «Sampaioes do Carmo».

Na descendencia de Luiz Sampaio conta-se um escriptor: é Eduardo Garrido, seu neto.

A figura capital das *Viagens*, «a menina dos rouxinoes e dos olhos verdes», a Joanninha do Valle de Santarem, nunca me pareceu uma criação de phantasia, tão accentuado e carinhosamente tratado está o seu typo no romance.

Dava-me a impressão de ser uma recordação de familia, muito viva, saudosamente entalhada no espirito de Garrett.

Bulhão Pato, depois de falar das trez irmãs inglezas, tão divinamente retratadas na carta de Carlos a Joanninha, (uma das quaes inglezas, Georgina, tanto se apaixonou pelo escriptor, que foi acabar recolhida n'um convento) refere-se á «menina dos olhos verdes», e affirma que «não era um mero capricho da imaginação.» Dá a entender que fôsse Adelaide, a querida do poeta. Mas Gomes de Amorim contesta, dizendo que Adelaide não tinha olhos verdes. E accrescenta que, sendo provavelmente o proprio Garrett o «Carlos» das *Viagens*,—para mim é de fé que o seja— talvez elle amasse na juventude certa Joanninha, que fôsse, em verdade, sua prima.

Conversando a este respeito com o sr. dr. Carlos Guimarães, (1) genro do poeta, disse-lhe eu que me inclinava muito á opinião de Gomes de Amorim; e que valeria a pena procurar entre a correspondencia de Garrett algum fio conductor d'esta investigação.

Pouco tempo depois procurou-me o sr. dr. Carlos Guimarães, que me participou ter encontrado, effectivamente, uma carta em que certa prima de Garrett, residente em S. Miguel das Aves, ou ahi perto de Santo Thyrso, o recriminava discretamente por elle a haver esquecido na vida leviana de Lisboa.

Outrosim me communicou que tencionava publicar essa carta algum dia.

Esta minha viagem á roda das *Viagens* fica apenas

---

(1) Fallecido em Cintra no dia 15 de abril de 1900, quando já este opusculo estava em provas typographicas.

iniciada. É já alguma coisa; mas ainda não é tudo. Outros me seguirão, se quizerem ou puderem.

Quanto ás iniciaes, que preenchi, aclarando as individualidades a quem se referiam, só a geração actual o poderia fazer com exactidão; investiguei, para não deixar perder a oportunidade, que, volvidos mais alguns annos, teria fugido, irremediavelmente.

A filha de Garrett, uma noite, em casa da sr.<sup>a</sup> baroneza de Almeirim, tinha escripto a lapis, nas *Viagens*, os nomes indicados pelas iniciaes.

Mas esse exemplar levou descaminho — segundo me informou o sr. Anselmo Braamcamp Freire.

Procurei remediar tamanha perda, que o foi dupla, porque eram annotações da filha de Garrett n'um livro de seu pae.

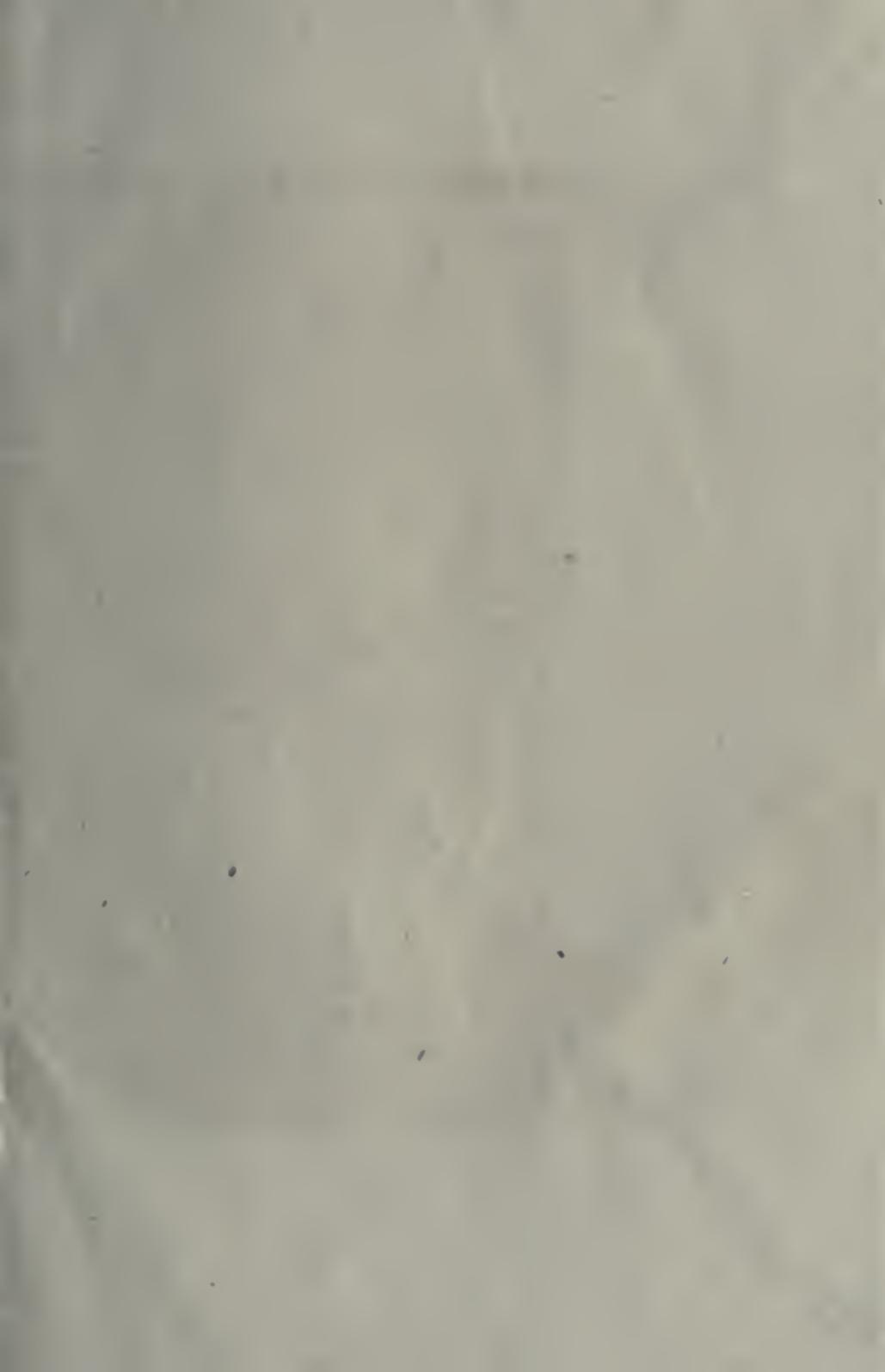
Identico trabalho haveria a fazer a respeito de outras iniciaes que se encontram nas obras do grande escriptor, mas alguma coisa se tem feito já (1).

Nós hoje reunimos materiaes para a historia litteraria do paiz com muito mais cuidado e zelo do que os nossos antepassados.

---

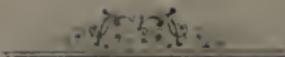
<sup>1</sup> Assim, o sr. F. M. Supico, no jornal açoriano *A Persuasão*, de 8 de fevereiro de 1899, revela que D. Anna L. de T., a quem Garrett offereceu a poesia *Ramo de cipreste* (nas *Flores sem fructo*), era a sr.<sup>a</sup> D. Anna Leite de Teive, filha do morgado José Leite, da ilha de S. Miguel, e que veio a ser esposa do sr. André do Canto.

O ramo foi colhido e offerecido na quinta do Botelho, de Jacinto Ignacio Rodrigues Silveira, depois barão de Fonte Bella.

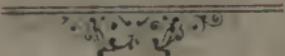








Preço 200 réis



PQ Pimentel, Alberto  
9261 Viagem à roda das viagens  
A575  
V526

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

